



Ondulações mediáticas **Luísa Schmidt**

O tratamento da água na comunicação social tem sofrido altos e baixos. É um tema atraente, pelas questões que suscita, sejam elas positivas (cénicas, de lazer, mesmo de trabalho) ou negativas (catástrofes, poluição). No entanto, cada vez se encontra mais ausente das agendas noticiosas. Para utilizar uma metáfora aquática, podemos dizer que a atenção dos *media* em relação a este tema, sendo uma maré irregular, há já algum tempo se encontra em refluxo.

Para efeitos de *media*, a água em Portugal tem implicado sobretudo os rios – apesar de o país ter dezoito vezes mais mar do que terra. Aqui joga a memória rural, e o facto de as pessoas serem geralmente mais afectadas pelos cursos de água. Aliás, os rios e a sua poluição são vistos como o principal problema ambiental por uma larga maioria da população. Admitindo que *bad news is good news*, em princípio, eles deviam ser uma ótima notícia. Se neste momento os *media* não lhes dão grande atenção, é não só porque os meios de comunicação tendem a interessar-se menos pelo “país real” do que pelos *reality shows*, como porque os desastres ecológicos se consumaram há muito. Em certos rios, pura e simplesmente os peixes já morreram todos. As populações habituaram-se à situação e – perdido por cem, perdido por mil – passaram elas próprias também a tratar o rio como um caneiro. Na perspectiva da TV, sem cadáveres a boiar não há imagens suficientemente fortes para concorrer com a crescente “big brotherização”, com a preocupação excessiva da pequena história ou o ênfase na trivialidade, com que se fazem as guerras de audiências hoje em dia.

Outros factores contam igualmente. Um deles é a própria abundância de cobertura do assunto em fases anteriores. Quando se constata que não teve efeito, quando se vê que, por maior que seja a pressão e mais imagens chocantes que se mostrem, as coisas ficam na mesma, isso é desmotivador. Acresce que os *media* estão

sempre mais preocupados com as consequências do que com as causas. Tentar compreender, por exemplo, porque é que todos os investimentos feitos desde a adesão a União Europeia não resultaram, exigiria uma investigação substancial. Houve avultados fundos europeus destinados ao saneamento básico, por exemplo, que “escorrem” rios abaixo, ninguém sabe para onde; muito trabalho e conhecimento seriam necessários para o descobrir. Ora, não se imagina esse esforço, numa altura em que, pelo contrário, existe um desinvestimento na investigação jornalística de fundo.

Conforme se disse, os níveis de cobertura mediática deste tema têm variado. Se quisermos fazer um resumo histórico, podemos identificar, grosso modo, quatro grandes momentos. O primeiro é na década de 1960, quando ainda vivia gente no interior do país. A água era associada sobretudo aos rios, a actividades de pesca, natação, festividades, piqueniques... Tinha um efeito purificador, e o rio era o grande agente de mobilização local. Por outro lado, havia constantes documentários sobre grandes empreendimentos de produção de energia, como as barragens. Ainda na mesma década, foi mostrado nos *media* um outro aspecto, o da capacidade destrutiva das águas, nas cheias que em 67 e 69 atingiram e vitimaram a capital.

No início dos anos 70, teve início uma nova fase. Começaram a surgir referências a certos efeitos de poluição, ainda não nos noticiários, mas no programa *Há Só Uma Terra* (de José Correia da Cunha e Luis Filipe Costa). Depois, em 1974, um surto de cólera nos bairros clandestinos à volta de Lisboa gerou preocupações com a falta de saneamento e a contaminação da água. Claro que, nessa fase, logo a seguir ao 25 de Abril, o tema da água se secundarizava um pouco, como quaisquer temas que não os directamente políticos ou cívicos. Mas programas como o *TV Rural* iam ocasionalmente mostrando a poluição dos rios, em especial devido às celuloses.



Ficou na memória o rio Vouga, com os seus castelos de espuma. Se se pensar que o *TV Rural* passava antes do telejornal – só nos anos 80 mudaria de horário – conclui-se que a audiência não devia ser insignificante.

No final da década de 80, e sobretudo no início da seguinte, os rios tornaram-se palco de problemas ambientais alarmantes, com as inúmeras descargas que provocavam a mortandade de peixes e dos próprios rios. Outro elemento determinante foi o facto de se terem começado a fazer análises das águas de consumo. Logo em 1993, os jornais e a televisão noticiaram uma operação na qual se verificou que a água das torneiras, de várias localidades do país, se encontrava em muito mau estado. Com a revolta popular que se acabou por gerar, a poluição dos rios tornou-se uma arma de arremesso político, o que lhe deu grande força mediática, coincidindo, de resto, com a entrada em funcionamento das televisões privadas, que foram procurar o “país real” e insistiram em problemas como as lixeiras, a poluição da água e outras degradações ambientais de que o país visivelmente sofria.

Nos anos 90 foi ainda importante o facto de ter sido revelado o Plano Hidrológico Espanhol e a ameaça que este constituía para os rios internacionais portugueses, levando ao empolamento mediático da escassez de água no Guadiana e do problema geral das excessivas captações de água em Espanha.

Um quarto momento dá-se já nos anos 2000, momento em que se regista um desinteresse pela qualidade da água. Há rios absolutamente imprestáveis desse ponto de vista, como o Ave, o Lis, o Alviela. A falta de peixes tirou poder de atracção ao tema, embora tivesse sido nessa altura que se avaliou e confirmou, através dos Planos de Bacia, o péssimo estado em que estavam muitos dos nossos rios. Essa foi também uma oportunidade perdida para divulgar dados e apelar aos *media*, alertar os políticos e os líderes de opinião para a gravidade da situação. O certo é que o tema da água se foi “diluindo” nos *media* generalistas e se “desviou” cada vez mais para as secções de economia, passando a ser tratado sobretudo como um negócio. As questões deixaram de ser socio-políticas e passaram a ter a ver com quem vai gerir, quem vai vender, e até alguma polémica sobre se se privatiza ou não.

Não podemos ainda esquecer a biodiversidade dos rios. Essa matéria tem sido quase ignorada em Portugal. A extinção do sável, a rarefacção da lampreia, a crise da sardinha e da truta, a perda de toda essa riqueza de recursos hídricos e marinhos que temos, ou tínhamos, praticamente não foi mediatizada até agora. Mesmo as áreas marinhas, como a Arrábida e as Berlengas, não receberam o tratamento que mereciam. Nunca se explica às pessoas o que estamos a perder. Num país que não tem senão ambiente e paisagem, e em que os rios são o elo que atravessa o território de uma ponta a outra e fazem parte da identidade paisagística, eles acabam por não ser devidamente valorizados, embora as pessoas desejem cada vez mais a sua recuperação.

Se considerarmos um *ranking* de atenção mediática prestada aos rios, por assim dizer, o Tejo vem no topo. Mas é o Douro que oferece um dos exemplos mais interessantes de requalificação da paisagem: embora a sua água continue poluída, conseguiu hoje tornar-se uma zona cuidada paisagisticamente, mantendo uma vida activa e produtiva intensa nas vinhas, conciliando-a com o turismo. É pela recuperação da paisagem que um país como Portugal pode readquirir a sua auto-estima e a sua identidade.

Por último, tenhamos em conta que os rios vão dar ao mar, e é lá também que desaguam muitos dos problemas de poluição. Curiosamente, apesar de a maioria das pessoas viver hoje nas cidades, a preocupação maior continua a ser com os rios, o que terá a ver com a já referida memória rural do país. Verifica-se, no entanto, que nas gerações mais novas a relação com o mar se intensifica – basta ver a actual moda dos desportos radicais em Portugal – e os graus de consciência face ao ambiente se multiplicam: o valor da água, salgada ou doce, e uma maior preocupação com os valores naturais e os quadros de paisagem, vão conquistando terreno entre os mais novos. Talvez esta cultura moderna de grande ligação à água e à paisagem, venha a resultar numa renovada atenção dos *media* a um tema cada vez mais urgente e que bem precisa de passar para a crista da onda.